



A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS DECISÕES ADMINISTRATIVAS: Um Estudo com Pequenos e Médios Empreendedores do Shopping da Cidade de Teresina¹

**Edimar da Silva Peres²,
Joseane de Carvalho Leão³**

Resumo

A pesquisa analisa a influência da educação financeira na tomada de decisões administrativas de micro e pequenos empreendedores do Shopping da Cidade de Teresina, destacando sua importância para a sustentabilidade e o desempenho organizacional. O problema central consiste em compreender de que forma o conhecimento financeiro impacta as práticas gerenciais e a eficiência das empresas locais. O objetivo geral é investigar a relação entre a educação financeira e a qualidade das decisões administrativas, considerando aspectos de planejamento, controle e uso racional dos recursos. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, realizada com 20 empreendedores de diferentes ramos, por meio de questionário e entrevistas semiestruturadas. Os resultados evidenciaram que, embora muitos gestores possuam experiência prática, há deficiências conceituais na gestão financeira, o que compromete o controle e a previsibilidade dos negócios. Constatou-se também que a formação financeira está diretamente associada à melhoria da organização, da autonomia e da segurança nas decisões, além de fortalecer a competitividade e a sustentabilidade das empresas. Conclui-se que investir em educação financeira representa um caminho estratégico para aprimorar a gestão, promover maior estabilidade econômica e estimular o desenvolvimento local, especialmente entre empreendedores que atuam em contextos de alta vulnerabilidade econômica.

Palavras-chave: Educação financeira. Tomada de decisão. Empreendedorismo. Sustentabilidade. Gestão empresarial.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Administração da Universidade Estadual do Piauí, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, *Campus* Poeta Torquato Neto, como requisito indispensável para a obtenção do grau de Bacharel em Administração.

² Aluno do Curso de Administração. E-mail: edimardasilvaperes@aluno.uespi.br

³ Professor Orientador. E-mail: joseane@ccsa.uespi.br

Abstract

This research analyzes the influence of financial education on administrative decision-making among micro and small entrepreneurs at the Shopping da Cidade in Teresina, emphasizing its importance for organizational sustainability and performance. The central problem lies in understanding how financial knowledge impacts managerial practices and the efficiency of local businesses. The general objective is to investigate the relationship between financial education and the quality of administrative decisions, considering aspects of planning, control, and the rational use of resources.

Methodologically, it is a descriptive study with a qualitative approach, conducted with 20 entrepreneurs from different sectors, through a questionnaire and semi-structured interviews. The results revealed that, although most managers possess practical experience, there are conceptual gaps in financial management that compromise control and predictability. It was also found that financial training is directly associated with greater organization, autonomy, and decision-making security, strengthening the competitiveness and sustainability of small businesses. It is concluded that investing in financial education represents a strategic path to improving management, promoting economic stability, and fostering local development, especially among entrepreneurs operating in contexts of high economic vulnerability.

Keywords: Financial education. Decision-making. Entrepreneurship. Sustainability. Business management.

INTRODUÇÃO

O avanço das tecnologias digitais e o fácil acesso à informação transformaram a forma como as pessoas consomem, empreendem e administram seus recursos. Em um cenário de instabilidade econômica e competitividade crescente, compreender e aplicar princípios de educação financeira tornou-se essencial para a sustentabilidade dos negócios. Mais do que técnicas de controle de gastos, a educação financeira representa uma competência estratégica, envolvendo planejamento, análise e tomada de decisões conscientes. No ambiente empresarial, essa competência é vital para o crescimento e a sobrevivência das organizações, sobretudo das micro e pequenas empresas, que enfrentam maiores desafios na gestão de suas finanças.

A ausência de conhecimento financeiro é um dos principais obstáculos à consolidação de pequenos negócios no Brasil. Muitos empreendedores, mesmo com ampla experiência prática, carecem de fundamentos técnicos para tomar decisões seguras. Essa lacuna reflete-se na dificuldade de separar finanças pessoais das empresariais e na

falta de planejamento de longo prazo. Segundo Assaf Neto (2012) e Gitman e Zutter (2010), o desconhecimento de conceitos como fluxo de caixa, custos e capital de giro compromete a eficiência administrativa e pode levar à descontinuidade dos empreendimentos.

O presente estudo tem como objeto analisar a influência da educação financeira nas decisões administrativas de micro e pequenos empreendedores do Shopping da Cidade de Teresina, importante polo de comércio popular da capital piauiense. O local é composto por gestores atuantes em diversos segmentos, vestuário, calçados, alimentação, cosméticos e serviços, em sua maioria sem formação técnica formal, porém detentores de ampla experiência prática no mercado local, o que o caracteriza como um ambiente adequado para investigar o impacto da literacia financeira na gestão empresarial. Nesse contexto, formula-se o problema de pesquisa que orienta este trabalho: de que forma a educação financeira influencia as decisões administrativas dos pequenos empreendedores do Shopping da Cidade de Teresina? Para responder a essa questão, estabelece-se como objetivo geral analisar tal influência, sendo definidos como objetivos específicos: identificar o perfil socioeconômico e o nível de conhecimento financeiro dos empreendedores; analisar as principais dificuldades relativas à administração dos recursos; e discutir a relação entre educação financeira, desempenho e sustentabilidade organizacional.

A relevância do estudo se justifica em três dimensões. Acadêmica, por contribuir com as discussões sobre literacia financeira e gestão de pequenas empresas. Social, por dar visibilidade aos desafios enfrentados pelos empreendedores locais e defender a educação financeira como instrumento de inclusão econômica. Prática, por oferecer subsídios para instituições e gestores elaborarem estratégias de capacitação que fortaleçam o controle financeiro e reduzam a mortalidade dos pequenos negócios.

Além de sua importância teórica, o estudo adota uma abordagem humanizada, buscando compreender não apenas números, mas também percepções e experiências dos empreendedores. Essa perspectiva qualitativa permite observar como o conhecimento financeiro se traduz em atitudes e resultados concretos, aproximando a realidade dos gestores da teoria administrativa.

O trabalho está estruturado em cinco capítulos. O Capítulo 1 apresenta o tema, o problema, os objetivos e a justificativa. O Capítulo 2 expõe o referencial teórico, abordando a educação financeira, a tomada de decisão e seus impactos nas pequenas

empresas. O Capítulo 3 descreve os procedimentos metodológicos, o Capítulo 4 analisa os resultados obtidos, e o Capítulo 5 traz as considerações finais e recomendações.

Assim, este estudo propõe uma reflexão sobre a educação financeira como instrumento de fortalecimento da gestão e de desenvolvimento econômico local. Ao compreender como o conhecimento financeiro aprimora as decisões administrativas, busca-se demonstrar que investir em educação é investir em sustentabilidade, competitividade e transformação social. Desse modo, a pesquisa reafirma sua importância para o campo da Administração ao evidenciar que a formação financeira dos gestores constitui um elemento estratégico para a melhoria do desempenho organizacional e para a promoção de práticas gerenciais mais eficientes e conscientes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica apresenta os principais conceitos, discussões e bases conceituais que sustentam esta pesquisa. O objetivo deste capítulo é contextualizar a educação financeira como elemento estruturante da gestão empresarial e evidenciar como o conhecimento financeiro influencia diretamente o desempenho e a tomada de decisão dos micros e pequenos empreendedores. Para isso, são discutidos temas relacionados à educação financeira, tomada de decisão, planejamento, sustentabilidade organizacional e o papel das competências gerenciais no desenvolvimento dos negócios. A partir dos autores que embasam este estudo, busca-se compreender como a literacia financeira se articula com práticas administrativas, contribuindo para a eficiência, a autonomia e a competitividade das empresas.

Assim, o capítulo está organizado em tópicos que aprofundam o conceito de educação financeira no contexto empresarial e sua importância para a gestão contemporânea, estruturando o suporte teórico necessário para analisar os resultados apresentados posteriormente.

2.1 Educação Financeira: Conceitos e Relevância no Contexto Empresarial

A educação financeira tem ganhado destaque nas últimas décadas devido à complexidade crescente das relações econômicas e à necessidade de uma gestão mais consciente dos recursos. Mais do que cálculos ou investimentos, envolve planejamento, organização e decisões responsáveis sobre o uso do dinheiro. Segundo a ENEF (2010), é um processo contínuo que promove autonomia, segurança e responsabilidade financeira, impactando tanto a esfera pessoal quanto empresarial.

No ambiente corporativo, assume papel estratégico para a sustentabilidade das empresas. Em um mercado competitivo, o gestor precisa decidir sobre custos,

investimentos e rentabilidade. Para Gitman e Zutter (2010), compreender fundamentos financeiros é essencial para o equilíbrio e a continuidade dos negócios, enquanto Van Horne e Wachowicz (2009) afirmam que o domínio das finanças permite planejar e controlar operações com racionalidade, reduzindo riscos e ampliando resultados.

A falta desse conhecimento torna as empresas mais vulneráveis. Assaf Neto (2012) destaca que organizações que negligenciam o aprendizado em finanças perdem capacidade de adaptação, enquanto as que investem na formação de gestores tornam-se mais resilientes. Nessa linha, Drucker (2003) reforça que o gestor moderno deve aprender continuamente, transformando conhecimento em vantagem competitiva.

Além do aspecto técnico, a educação financeira possui dimensão analítica e comportamental, essencial para a racionalidade administrativa. Chiavenato (2014) afirma que a eficácia do gestor depende da habilidade de transformar informações em ações estratégicas, e Robbins e Coulter (2012) ressaltam que decisões eficazes equilibram análise e intuição, tornando a gestão mais eficiente e inovadora.

Do ponto de vista humano, Lusardi e Mitchell (2014) apontam que a literacia financeira aumenta a confiança e a autonomia dos gestores, enquanto Oliveira e Silva (2019) destacam que sua disseminação fortalece o engajamento e a transparência, consolidando uma cultura de planejamento e corresponsabilidade.

Assim, a educação financeira transcende o papel técnico, tornando-se competência estratégica essencial à sobrevivência organizacional. Ao integrar planejamento, análise e ética, aprimora a capacidade decisória, a capacitação financeira representa um diferencial competitivo.

2.2 Tomada de Decisão Administrativa

A tomada de decisão é uma das funções mais complexas e determinantes da administração, consistindo em identificar alternativas, avaliar cenários e escolher a opção mais adequada aos objetivos organizacionais. Embora muitas decisões ainda sejam guiadas pela intuição, a literatura contemporânea enfatiza a importância de um processo racional e baseado em informações seguras. Para Chiavenato (2014), a eficácia administrativa depende da capacidade do gestor de decidir com base em dados e análises, reduzindo incertezas e ampliando as chances de êxito. De modo complementar, Drucker (2003) destaca que a essência da gestão está em decidir corretamente, pois é nas decisões que a administração se concretiza.

Grande parte das escolhas empresariais envolve aspectos financeiros, como precificação, controle de custos e investimentos. Gitman e Zutter (2010) afirmam que as

decisões gerenciais afetam diretamente o uso dos recursos e exigem compreensão de finanças e riscos. Quando tomadas sem embasamento técnico, tendem a ser imediatistas e comprometem a liquidez e a continuidade do negócio. Assaf Neto (2012) acrescenta que a ausência de controle e análise financeira torna as empresas vulneráveis, enquanto o uso de diagnósticos e projeções fortalece o planejamento e a sustentabilidade.

De acordo com Maximiano (2011), o processo decisório abrange etapas que vão da identificação do problema à avaliação dos resultados. Robbins e Coulter (2012) reforçam que a racionalidade e a clareza de objetivos são fundamentais para decisões coerentes com a missão organizacional. Nesse sentido, Oliveira e Silva (2019) destacam a educação financeira como ferramenta essencial para avaliar dados com segurança e adotar decisões sustentáveis, alinhadas à realidade da empresa.

Há, portanto, uma relação direta entre o domínio financeiro e a qualidade das decisões administrativas. Lusardi e Mitchell (2014) observam que gestores com maior literacia financeira são mais estratégicos e prudentes, reduzindo riscos e aumentando a eficácia das ações. De forma complementar, Simon (1997) afirma que a racionalidade limitada pode ser ampliada por meio da informação e do aprendizado, reforçando o papel da educação financeira no aprimoramento das decisões.

Nas pequenas e médias empresas, essa relação é ainda mais evidente, pois o gestor acumula diversas funções e influencia diretamente o desempenho do negócio. Para Assaf Neto (2012), compreender os impactos das próprias escolhas é essencial ao desenvolvimento sustentável, pois o conhecimento financeiro confere autonomia e segurança diante das incertezas do mercado. Assim, integrar educação financeira e processo decisório é fundamental para promover uma gestão mais racional, consciente e sustentável.

2.3 Educação Financeira e Desempenho das Pequenas e Médias Empresas

Nas pequenas e médias empresas (PMEs), a alfabetização financeira fortalece a resiliência empresarial. Por apresentarem estruturas enxutas e decisões centralizadas, essas organizações dependem diretamente da capacidade técnica e da visão estratégica de seus gestores. Dornelas (2018) ressalta que o sucesso dos pequenos negócios está vinculado ao preparo gerencial, sendo o conhecimento financeiro uma das bases para a sobrevivência e o desenvolvimento competitivo.

De acordo com Lusardi e Mitchell (2014), empreendedores com maior literacia financeira adotam posturas mais estratégicas e prudentes, reduzindo riscos e ampliando as possibilidades de crescimento. No Brasil, essa realidade é ainda mais relevante, pois

muitas PMEs operam sem controles financeiros estruturados. Assaf Neto (2012) observa que a falta de planejamento e controle expõe as empresas a falhas de gestão e endividamento, comprometendo sua continuidade em momentos de instabilidade.

Nesse contexto, a educação financeira torna-se essencial para mitigar riscos e fortalecer a gestão. Programas de capacitação, como os do Sebrae (2022), contribuem para o desenvolvimento de práticas de planejamento, controle e análise de resultados. Gitman e Zutter (2010) destacam que compreender conceitos como fluxo de caixa, custo de capital e rentabilidade é fundamental para decisões mais racionais e sustentáveis, permitindo ao gestor reduzir desperdícios e identificar oportunidades de investimento.

Além dos impactos econômicos, a educação financeira influencia o comportamento gerencial e o capital humano. Segundo Oliveira e Silva (2019), gestores financeiramente capacitados demonstram maior autoconfiança e coerência nas decisões, criando um ciclo virtuoso entre desempenho e inovação. Drucker (2003) complementa que o aprendizado contínuo é elemento-chave da competitividade, tornando o domínio financeiro um diferencial diante das transformações do mercado.

Sob a ótica gerencial, Chiavenato (2014) afirma que o desempenho organizacional resulta da integração entre planejamento, execução e controle, tendo o conhecimento financeiro como elo entre essas etapas. De modo semelhante, Robbins e Coulter (2012) reforçam que a eficiência administrativa depende da capacidade de transformar informação em ação.

Assim, a educação financeira consolida-se como fator de fortalecimento e competitividade para as PMEs, ao favorecer o desempenho econômico, o planejamento de longo prazo e a adoção de práticas sustentáveis. Ao capacitar gestores para o uso eficiente dos recursos, estimula a inovação, a resiliência e o crescimento equilibrado, consolidando-se como base essencial para o desenvolvimento do setor produtivo e da economia local.

2.4 Educação Financeira como Estratégia de Sustentabilidade Organizacional

A sustentabilidade organizacional vai além das práticas ambientais, abrangendo a capacidade financeira, social e gerencial das empresas em manterem-se competitivas e relevantes ao longo do tempo. Nesse contexto, a educação financeira surge como estratégia essencial para garantir equilíbrio e longevidade, promovendo uma gestão que combina responsabilidade econômica e eficiência administrativa. Para Assaf Neto (2012), a verdadeira sustentabilidade depende do equilíbrio entre decisões financeiras e objetivos de longo prazo, o que requer planejamento e conhecimento técnico dos gestores.

De acordo com Elkington (1998), o conceito de sustentabilidade apoia-se no *triple bottom line*, desempenho econômico, social e ambiental. A educação financeira contribui diretamente para o pilar econômico e fortalece os demais ao promover governança transparente e responsabilidade coletiva. Oliveira e Silva (2019) destacam que disseminar o conhecimento financeiro entre colaboradores gera engajamento e confiança, consolidando uma cultura organizacional sólida e consciente do impacto das decisões sobre os resultados.

Integrada à cultura corporativa, a educação financeira transforma o processo decisório, substituindo percepções intuitivas por análises baseadas em dados e indicadores. Chiavenato (2014) afirma que decisões racionais aumentam a eficiência e reduzem riscos, enquanto Drucker (2003) reforça que organizações sustentáveis são aquelas que aprendem e se adaptam continuamente. Assim, a educação financeira atua como agente de inovação e racionalidade, fortalecendo a inteligência organizacional e a capacidade de adaptação em ambientes dinâmicos.

Investir em educação financeira também promove resiliência empresarial, especialmente em períodos de crise. Lusardi e Mitchell (2014) afirmam que a literacia financeira amplia a prudência e a autonomia dos gestores, enquanto Barbieri e Cajazeira (2017) destacam que a sustentabilidade requer competências que equilibrem inovação, responsabilidade e resultados, papel diretamente cumprido pela educação financeira nas organizações.

Além de favorecer a estabilidade econômica, a educação financeira impulsiona o desenvolvimento humano e organizacional. Silva e Pereira (2021) observam que empresas que valorizam o conhecimento financeiro apresentam ganhos em desempenho, inovação e consciência coletiva, tornando-se mais preparadas para enfrentar os desafios do mercado.

Dessa forma, a educação financeira consolida-se como vetor de sustentabilidade organizacional, fortalecendo a capacidade de planejar, controlar e inovar. Ao unir equilíbrio econômico, racionalidade administrativa e responsabilidade social, transforma a sustentabilidade em prática concreta, baseada no conhecimento, na eficiência e na valorização do capital humano, pilares essenciais para o futuro das empresas contemporâneas.

2.5 Benefícios e Impactos da Educação Financeira

A educação financeira gera benefícios em diversas dimensões, econômica, estratégica, humana e gerencial, que ultrapassam o simples controle de gastos. No aspecto

econômico, o conhecimento financeiro permite racionalizar o uso dos recursos, reduzir desperdícios e aprimorar o planejamento. Gonçalves e Lima (2020) destacam que uma gestão consciente eleva a eficiência operacional e fortalece a capacidade de adaptação das empresas às oscilações do mercado. De forma complementar, Drucker (2003) afirma que o uso racional das finanças é um pilar da eficácia organizacional, pois transforma o planejamento em resultados sustentáveis.

Sob a perspectiva estratégica, a educação financeira amplia a visão do gestor e favorece decisões baseadas em dados e indicadores. Para Silva e Pereira (2021), o domínio das práticas financeiras confere vantagem competitiva às empresas, permitindo estratégias mais inovadoras e realistas. Kotler e Keller (2016) reforçam que a competitividade está associada à capacidade de análise e antecipação de tendências, habilidades fortalecidas pelo conhecimento financeiro.

Além dos ganhos econômicos, a educação financeira impacta o capital humano, estimulando comportamentos mais conscientes e responsáveis entre os colaboradores. Segundo Oliveira e Silva (2019), profissionais que compreendem noções básicas de finanças pessoais tornam-se mais equilibrados e produtivos, fortalecendo a cultura organizacional e o engajamento coletivo. Robbins e Judge (2017) complementam que o bem-estar financeiro dos funcionários está diretamente ligado à satisfação e ao desempenho das equipes.

Do ponto de vista gerencial, a educação financeira amplia a capacidade analítica e de liderança dos administradores. Assaf Neto (2012) observa que a falta de domínio financeiro limita a visão estratégica e aumenta a vulnerabilidade a erros, enquanto gestores capacitados adotam postura crítica e racional. Para Chiavenato (2014), a eficácia administrativa depende da habilidade de transformar informações em ações concretas, e a educação financeira é ferramenta essencial nesse processo.

Assim, a educação financeira transcende o papel de instrumento de controle e consolida-se como elemento integrador da cultura organizacional. Ao alinhar objetivos individuais e coletivos, fortalece o senso de responsabilidade compartilhada e estimula a eficiência e a inovação. Empresas que investem em capacitação financeira tornam-se mais equilibradas, resilientes e competitivas. Como afirmam Silva e Pereira (2021), seus efeitos vão além dos resultados imediatos, refletindo-se na construção de um modelo de gestão participativo, sustentável e orientado ao crescimento contínuo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia constitui a base estruturante de qualquer pesquisa científica, pois orienta o caminho adotado para alcançar os objetivos propostos e responder ao problema investigado. No presente estudo, os procedimentos metodológicos foram definidos de forma a possibilitar uma análise rigorosa e coerente sobre a influência da educação financeira nas decisões administrativas de micro e pequenos empreendedores do Shopping da Cidade de Teresina.

Assim, este capítulo apresenta a fundamentação metodológica que sustenta a investigação, descrevendo o local da pesquisa, a natureza e a finalidade do estudo, o tipo e a abordagem adotados, bem como os procedimentos de coleta, seleção e análise dos dados. Cada uma dessas etapas foi organizada de modo a garantir clareza, confiabilidade e alinhamento entre os aspectos teóricos e empíricos.

3.1 Caracterização do local da pesquisa

A presente pesquisa foi realizada no Shopping da Cidade de Teresina, localizado na capital do estado do Piauí. O espaço é um importante polo comercial da região, reunindo micro e pequenos empreendedores que atuam em diferentes segmentos, como vestuário, calçados, cosméticos, alimentação, acessórios e serviços. Essa diversidade de ramos e perfis empresariais torna o shopping um campo fértil para compreender como se dá o processo de gestão financeira em ambientes de comércio popular, caracterizados pela forte presença de empreendedores locais.

A escolha do Shopping da Cidade justifica-se por sua relevância econômica e social, sendo um dos principais centros de comércio popular da capital piauiense. Além de contribuir para a geração de emprego e renda, o local abriga empreendedores com diferentes níveis de escolaridade e experiência, o que permite observar contrastes nas práticas de gestão e nos conhecimentos sobre finanças. Essa heterogeneidade foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa, pois possibilitou compreender de que forma a educação financeira influencia as decisões administrativas em realidades diversas, porém interligadas no mesmo ambiente.

3.2 Natureza e finalidade da pesquisa

De acordo com Gil (2008), pesquisas aplicadas buscam resolver problemas práticos e gerar conhecimento útil para contextos reais. Assim, o presente estudo possui caráter aplicado, pois pretende contribuir com a melhoria da gestão financeira de pequenos empreendedores. O propósito não é apenas ampliar o conhecimento científico, mas também oferecer reflexões e subsídios que possam auxiliar os gestores a desenvolver práticas mais conscientes e sustentáveis de administração.

A finalidade do estudo está diretamente vinculada ao problema de pesquisa, compreender como a educação financeira interfere na qualidade das decisões administrativas de empreendedores do Shopping da Cidade de Teresina. Dessa forma, o trabalho busca, ao final, não apenas discutir conceitos teóricos, mas propor interpretações práticas e humanizadas sobre como o conhecimento financeiro pode impactar positivamente o desempenho empresarial e a autonomia dos gestores locais.

3.3 Tipo de pesquisa e abordagem

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. É descritiva porque visa observar e analisar as práticas de gestão e educação financeira adotadas pelos empreendedores, identificando comportamentos e percepções sobre o tema (Gil, 2008). Já a abordagem qualitativa foi escolhida por permitir compreender o fenômeno de forma subjetiva, valorizando as experiências, sentimentos e interpretações dos participantes.

Segundo Lakatos e Marconi (2017), a pesquisa qualitativa busca compreender significados e relações, mais do que mensurar dados. Assim, a presente investigação não se restringe a números, mas interpreta os discursos dos empreendedores e as realidades vivenciadas no ambiente comercial. Essa escolha metodológica possibilitou uma análise mais rica e humanizada, dando voz aos sujeitos pesquisados e destacando suas percepções sobre o papel da educação financeira na gestão de seus negócios.

3.4 Procedimentos da pesquisa

O estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de campo, com caráter exploratório e descritivo, realizada diretamente no ambiente onde os empreendedores atuam, o Shopping da Cidade. O contato com os participantes possibilitou observar as práticas de gestão, coletar relatos sobre o controle financeiro e identificar comportamentos relacionados à tomada de decisão.

Além disso, utilizou-se o método de estudo de caso, uma vez que o objeto de investigação se concentrou em um contexto específico, o qual permite uma análise detalhada e aprofundada de um fenômeno real (Vergara, 2009). Essa estratégia possibilitou compreender as particularidades do comércio popular teresinense e analisar as influências da educação financeira sobre a administração das pequenas empresas que compõem esse cenário.

3.5 População e amostra

A população-alvo da pesquisa foi composta por empreendedores e gestores de micro e pequenas empresas instaladas no Shopping da Cidade de Teresina. Dada a

quantidade de empreendimentos existentes no local e as limitações de tempo e acesso, optou-se por uma amostra não probabilística por conveniência, composta por 20 empreendedores que se dispuseram a participar voluntariamente do estudo.

Esse tipo de amostragem é apropriado em pesquisas qualitativas, pois busca selecionar participantes que possuam vivências significativas relacionadas ao fenômeno estudado (Lakatos; Marconi, 2017). Apesar de não representar estatisticamente o universo total de empreendedores, a amostra permite identificar padrões de comportamento, percepções e práticas que contribuem para a compreensão do problema de pesquisa.

3.6 Instrumentos de coleta de dados

Para alcançar os objetivos propostos, foram utilizados dois instrumentos principais: um questionário estruturado e uma entrevista semiestruturada, ambos elaborados com base no referencial teórico e direcionados aos micros e pequenos empreendedores do Shopping da Cidade de Teresina. O questionário foi constituído por perguntas fechadas que abordavam o perfil socioeconômico dos participantes, suas práticas de gestão financeira e a percepção sobre a importância da educação financeira. Esse instrumento permitiu levantar informações sobre sexo, faixa etária, escolaridade, tempo de atuação no comércio, formas de controle de receitas e despesas, uso ou não de ferramentas digitais e organização do capital de giro. A aplicação ocorreu presencialmente, de forma individual, nos próprios estabelecimentos dos empreendedores, garantindo maior precisão nas respostas.

A entrevista semiestruturada foi desenvolvida com um roteiro flexível, contendo perguntas abertas que buscavam aprofundar aspectos subjetivos da gestão financeira. Esse instrumento possibilitou compreender com maior profundidade a rotina administrativa, as principais dificuldades enfrentadas, as estratégias adotadas para organizar o fluxo financeiro e as percepções pessoais sobre a relevância da educação financeira no cotidiano de trabalho. As entrevistas foram realizadas com empreendedores que demonstraram disponibilidade e interesse em contribuir com uma abordagem mais detalhada.

Para garantir a consistência metodológica da pesquisa, foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão. Foram incluídos apenas empreendedores que atuavam efetivamente no Shopping da Cidade, eram responsáveis pela administração financeira de seus negócios, tinham mais de 18 anos e concordaram voluntariamente em participar. Foram excluídos funcionários que não desempenhavam funções administrativas, empreendedores temporários ou sem ponto fixo e participantes que não concluíram

integralmente os instrumentos de coleta. A combinação entre questionário e entrevistas proporcionou dados quantitativos e qualitativos complementares, permitindo uma compreensão mais ampla e integrada do fenômeno estudado.

3.7 Procedimentos de análise dos dados

Os dados coletados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), a qual permite identificar sentidos, padrões e significados presentes nos discursos dos participantes. Essa técnica foi escolhida por possibilitar uma compreensão integrada das práticas financeiras adotadas pelos empreendedores, assim como dos fatores emocionais, sociais e culturais que influenciam suas decisões administrativas.

A análise ocorreu em três etapas. A primeira foi a pré-análise, marcada pela leitura flutuante das respostas dos questionários abertos e das entrevistas, com o objetivo de familiarização com o material e identificação preliminar de elementos recorrentes. Em seguida, realizou-se a exploração do material, etapa em que as informações foram organizadas e agrupadas em categorias temáticas que representaram os principais eixos de significado identificados no conteúdo empírico. Por fim, na fase de interpretação, os resultados foram analisados à luz do referencial teórico, buscando relacionar as falas dos participantes com autores que tratam de educação financeira, gestão e comportamento organizacional.

A partir desse processo, emergiram três categorias principais. A primeira, “Práticas de Controle Financeiro”, reuniu informações sobre como os empreendedores lidam com o registro de receitas e despesas, o uso de ferramentas de apoio e o nível de organização do fluxo de caixa. Essa categoria permitiu avaliar o grau de formalidade ou informalidade da gestão financeira, revelando desde práticas empíricas até tentativas de uso de recursos tecnológicos. A segunda categoria, “Dificuldades na Gestão e Tomada de Decisão”, abrangeu relatos sobre falta de capital de giro, endividamento, mistura de finanças pessoais e empresariais e insegurança na precificação, evidenciando fragilidades estruturais que comprometem a sustentabilidade dos negócios. Já a terceira categoria, “Percepções sobre Educação Financeira”, reuniu interpretações e sentimentos dos empreendedores quanto ao aprendizado financeiro, destacando a compreensão da importância do planejamento, o interesse em capacitações e a relação entre conhecimento técnico e segurança nas decisões administrativas.

A utilização dessas categorias possibilitou construir um panorama interpretativo amplo sobre o impacto da educação financeira na gestão dos pequenos negócios

analisados. Essa abordagem qualitativa favoreceu uma análise sensível às experiências dos participantes, revelando aspectos que não seriam captados apenas por métodos quantitativos e contribuindo para uma compreensão mais profunda sobre como a educação financeira se manifesta no cotidiano empresarial.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta e interpreta os resultados obtidos por meio da aplicação de questionários e entrevistas com os gestores das pequenas e médias empresas situadas no Shopping da Cidade de Teresina, conforme metodologia descrita anteriormente. Os dados foram analisados de forma qualitativa, permitindo compreender as percepções, experiências e práticas financeiras dos empreendedores, relacionando-as com os objetivos e o referencial teórico do estudo.

4.1 Perfil dos participantes

A pesquisa foi realizada com vinte empreendedores atuantes no Shopping da Cidade de Teresina, abrangendo segmentos como vestuário, calçados, cosméticos, alimentação, acessórios e serviços. A diversidade de ramos proporcionou uma visão ampla das práticas de gestão adotadas no comércio popular local, permitindo compreender como a educação financeira interfere nas decisões administrativas de negócios de pequeno e médio porte.

Entre os entrevistados, 55% eram mulheres e 45% homens, com idades entre 28 e 62 anos. Verificou-se que 40% possuíam ensino médio completo, 25% ensino superior, 20% não concluíram o ensino médio e 15% cursaram apenas o ensino fundamental. Os empreendedores com maior escolaridade demonstraram maior domínio de práticas financeiras básicas, enquanto os de menor escolaridade apoiaram-se mais na experiência prática adquirida ao longo dos anos de atuação no comércio.

Gestores mais velhos, com mais de dez anos de experiência, relataram ter aprendido a administrar “na prática”, observando o movimento das vendas e o comportamento dos clientes. Apesar de possuírem amplo conhecimento empírico, muitos reconheceram dificuldades em utilizar ferramentas de controle financeiro e planilhas, o que os torna mais vulneráveis em momentos de crise. Em contrapartida, os empreendedores mais jovens apresentaram maior familiaridade com aplicativos e recursos digitais, demonstrando disposição para aprender e adotar novas práticas de gestão.

Observa-se que empreendedores com maior escolaridade e familiaridade com tecnologias apresentaram menor incidência de endividamento e maior controle

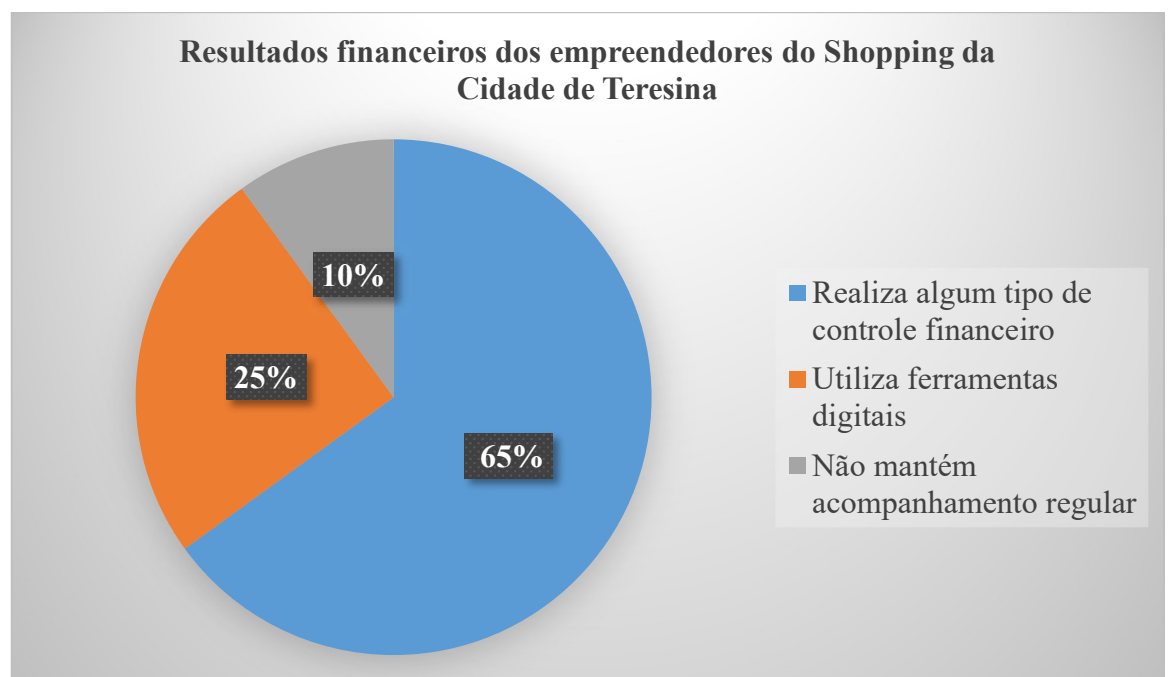
financeiro, o que sugere uma relação direta entre conhecimento técnico e estabilidade econômica. Essa correlação reforça a importância da educação financeira como ferramenta estratégica para a sustentabilidade dos pequenos negócios, ao passo que evidencia as fragilidades daqueles que ainda administram de forma intuitiva.

De modo geral, o perfil dos participantes revela uma realidade marcada por contrastes: de um lado, gestores experientes que baseiam suas decisões na intuição e no conhecimento empírico; de outro, jovens empreendedores abertos à inovação, mas ainda em processo de amadurecimento técnico. Apesar das diferenças, todos reconhecem a importância da educação financeira para melhorar o controle de seus negócios e ampliar a segurança na tomada de decisões, reforçando a necessidade de capacitações acessíveis e adaptadas à realidade do comércio local.

4.2 Conhecimento sobre planejamento financeiro

Antes de aprofundar a análise qualitativa, apresenta-se a seguir um panorama geral dos resultados quantitativos referentes às práticas de controle financeiro dos empreendedores participantes da pesquisa. O gráfico sintetiza os principais comportamentos declarados no questionário aplicado, permitindo visualizar de forma objetiva o nível de organização financeira adotado no cotidiano dos negócios.

Gráfico 1 – Práticas de Controle Financeiro dos Empreendedores do Shopping da Cidade de Teresina.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Após a caracterização do perfil dos participantes, analisa-se o nível de conhecimento sobre planejamento financeiro, fundamental para compreender como os empreendedores aplicam a educação financeira na gestão de seus negócios. Observou-se que a maioria reconhece a importância de controlar receitas e despesas, mas ainda o faz de modo informal. Cerca de 65% realizam algum tipo de controle, geralmente por anotações em cadernos ou registros no celular, 25% utilizam planilhas ou aplicativos e 10% não mantêm controle regular, administrando as finanças conforme o movimento das vendas.

Apesar da consciência sobre a importância do planejamento, muitos relatam dificuldade em manter práticas consistentes, associando o controle financeiro à falta de tempo ou à complexidade do processo. Um dos entrevistados afirmou: *“Eu sei que deveria anotar tudo, mas na correria do dia acabo esquecendo.”* Outro completou: *“A gente tenta anotar as vendas, mas nem sempre sobra tempo, e acaba misturando com as contas de casa.”* Essas falas exemplificam o que Assaf Neto (2012) chama de *fragilidade administrativa*, quando a falta de controle sistemático impede o gestor de projetar resultados e antecipar problemas.

O nível de escolaridade e o uso de tecnologias também influenciam o modo de gerir. Empreendedores com ensino médio ou superior demonstraram maior domínio de conceitos como custos e margem de lucro, além de maior interesse por ferramentas digitais. Já os de menor escolaridade preferem métodos tradicionais. Um participante relatou: *“Aprendi a controlar mais no olho, vendo o que entra e o que sai.”* Essa prática empírica, embora útil no curto prazo, reduz a capacidade de prever riscos e tomar decisões estratégicas.

Mesmo diante das limitações, muitos demonstraram interesse em aprender mais sobre finanças, reconhecendo que o controle adequado das entradas e saídas é essencial para o crescimento. Segundo Oliveira e Silva (2019), a educação financeira disseminada de forma acessível pode transformar a cultura de gestão e gerar maior comprometimento com resultados. Essa disposição reforça o potencial da capacitação financeira como instrumento de fortalecimento dos pequenos empreendimentos locais.

Em síntese, o conhecimento sobre planejamento financeiro entre os empreendedores do Shopping da Cidade de Teresina ainda é limitado, mas em processo de amadurecimento. Há reconhecimento da importância do controle financeiro, embora falte orientação técnica para sua aplicação prática. Essa lacuna confirma a necessidade de

programas de formação acessíveis e contextualizados, que combinem teoria, prática e valorização do saber empírico dos gestores.

4.3 Relação entre conhecimento financeiro e práticas de gestão

Após a análise do nível de conhecimento sobre planejamento financeiro, torna-se pertinente compreender como esse conhecimento se reflete nas práticas de gestão dos empreendedores pesquisados. A análise revelou uma relação direta entre o domínio de conceitos financeiros e a organização administrativa dos negócios. Gestores que compreendem melhor temas como fluxo de caixa, custos e precificação apresentaram práticas mais estruturadas e decisões mais seguras, enquanto aqueles com menor conhecimento técnico demonstraram gestão empírica, baseada na intuição e experiência acumulada, o que os torna mais vulneráveis a erros e instabilidades.

De acordo com o questionário, 60% dos entrevistados realizam controle parcial das finanças, 25% utilizam planilhas ou aplicativos e 15% não possuem acompanhamento formal. Essa diferença reflete o impacto da educação financeira na qualidade das decisões. Gitman e Zutter (2010) destacam que o domínio dos fundamentos financeiros favorece previsibilidade e assertividade, o que se confirmou entre os empreendedores que planejam com base em dados e metas mensuráveis.

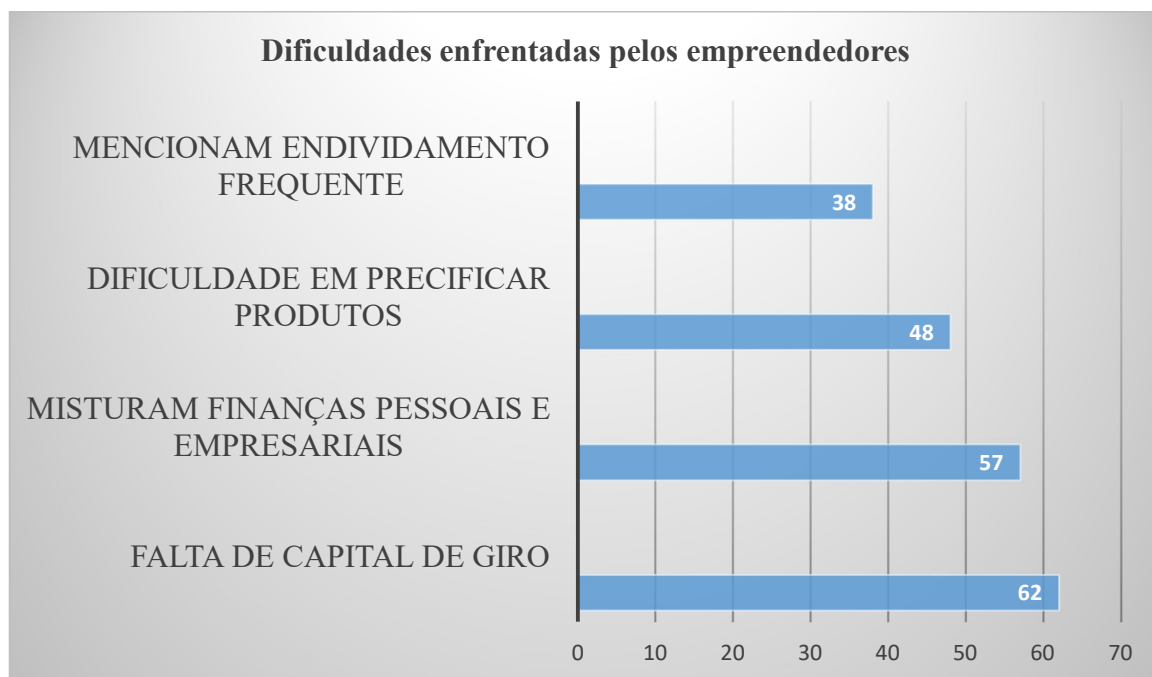
Entre os gestores com menor escolaridade, prevalece uma postura intuitiva e reativa, com decisões tomadas conforme percepções momentâneas. Muitos relataram depender do contador para entender relatórios, mas sem interpretar os dados de forma autônoma. Um dos participantes afirmou: *“Eu sempre espero o contador explicar, porque esses números são complicados pra mim.”* Essa dependência, segundo Chiavenato (2014), reduz a racionalidade no processo decisório e enfraquece a autonomia gerencial. Apesar disso, parte desses empreendedores busca aprender de forma autodidata, recorrendo a vídeos, redes sociais e trocas de experiências, o que demonstra disposição para evoluir profissionalmente.

Em síntese, os resultados confirmam que o conhecimento financeiro está diretamente associado à qualidade da gestão. Gestores mais informados planejam melhor, evitam endividamentos e aplicam estratégias sustentáveis, enquanto aqueles que se apoiam apenas na experiência enfrentam dificuldades em interpretar dados e projetar o futuro do negócio. Esses achados reforçam o papel da educação financeira como fator-chave de autonomia e sustentabilidade nas pequenas empresas, conforme defendem Assaf Neto (2012) e Oliveira e Silva (2019).

4.4 Dificuldades enfrentadas pelos gestores

Para complementar a análise das principais dificuldades enfrentadas pelos empreendedores do Shopping da Cidade de Teresina, apresenta-se a seguir um gráfico que sintetiza os dados coletados no questionário. A visualização permite comparar os desafios mais recorrentes, evidenciando como fatores financeiros estruturais impactam diretamente a gestão dos pequenos negócios.

Gráfico 2 – Dificuldades enfrentadas pelos gestores



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Dando continuidade à análise sobre a relação entre conhecimento financeiro e práticas de gestão, este tópico apresenta as principais dificuldades enfrentadas pelos empreendedores na administração de seus recursos. A pesquisa apontou como desafios mais recorrentes a falta de capital de giro (62%), a mistura entre finanças pessoais e empresariais (57%) e a dificuldade em precificar produtos (48%). Além disso, 38% mencionaram endividamento frequente, geralmente por recorrerem a empréstimos sem avaliar taxas e prazos. Esses resultados indicam que muitos gestores ainda administram de forma intuitiva, sem planejamento financeiro estruturado, o que eleva os riscos e compromete a estabilidade do negócio.

A falta de capital de giro foi o problema mais citado e relaciona-se à ausência de controle de caixa e reservas. Um participante relatou: *“Quando as vendas caem, eu acabo usando o dinheiro do lucro pra pagar as contas de casa.”* Essa prática, segundo Oliveira e Silva (2019), compromete o equilíbrio financeiro, impedindo o reinvestimento e a

visualização do lucro real. De modo semelhante, Assaf Neto (2012) destaca que a gestão inadequada do capital de giro fragiliza a empresa e reduz sua capacidade de cumprir obrigações.

Outra dificuldade refere-se à precificação de produtos e serviços, especialmente entre empreendedores com menor escolaridade. Muitos definem preços com base na concorrência, sem considerar custos e margens de lucro. Um entrevistado afirmou: *“A gente olha quanto o vizinho vende e tenta fazer parecido, pra não perder cliente.”* Essa prática, conforme Gitman e Zutter (2010), reduz a lucratividade e compromete a competitividade a longo prazo. Além disso, diversos participantes relataram insegurança para reajustar preços diante da inflação, demonstrando falta de domínio sobre conceitos financeiros básicos.

Também se observou resistência à capacitação e ao uso de tecnologias, sobretudo entre gestores mais velhos, que apontaram falta de tempo ou dificuldade com ferramentas digitais. Chiavenato (2014) explica que esse comportamento é comum em empresas familiares e limita a modernização administrativa. Ainda assim, houve demonstrações de abertura para o aprendizado. Uma empreendedora declarou: *“Eu queria aprender a usar o computador pra controlar melhor o caixa, mas nunca tive oportunidade.”* Essa disposição revela interesse em evoluir e se adaptar.

Em síntese, as dificuldades encontradas refletem carência de orientação técnica e práticas estruturadas de gestão, mas também reforçam o potencial transformador da educação financeira como instrumento de fortalecimento das pequenas empresas. Programas de capacitação voltados à realidade local podem profissionalizar práticas empíricas, promovendo organização, eficiência e segurança financeira entre os empreendedores do Shopping da Cidade de Teresina.

4.5 Interpretação dos resultados à luz do referencial teórico

Após a identificação das principais dificuldades enfrentadas pelos empreendedores, este tópico relaciona os resultados obtidos com as teorias discutidas no referencial teórico, evidenciando como a educação financeira se concretiza na prática da gestão. A análise confirmou que a educação financeira influencia diretamente a qualidade das decisões administrativas, o que valida as ideias de Gitman e Zutter (2010) ao apontarem que o domínio dos fundamentos financeiros é indispensável para uma gestão eficaz. Essa relação se evidenciou entre os empreendedores que mantêm controle de caixa e planejamento de custos, enquanto os que administram de forma intuitiva mostraram-se

mais suscetíveis a erros e instabilidades, reforçando que o conhecimento técnico é determinante para a sustentabilidade do negócio.

Os achados também corroboram Assaf Neto (2012), ao destacar que a educação financeira é essencial para a adaptação das empresas em contextos de crise. No caso do Shopping da Cidade, os empreendedores com maior literacia financeira demonstraram capacidade de reajustar estratégias e renegociar dívidas em períodos de baixa. Um dos participantes relatou: *“Quando as vendas caíram, consegui renegociar com os fornecedores e manter o negócio aberto.”* Em contrapartida, gestores com menor preparo optaram por medidas imediatistas, como demissões e novos empréstimos, o que confirma que a ausência de planejamento aumenta o risco de descontinuidade.

Também se observou coerência com Chiavenato (2014), para quem decisões eficazes devem basear-se em informações e análises racionais. Essa racionalidade foi percebida entre os gestores que utilizam relatórios e projeções para orientar escolhas, enquanto os demais agem por percepção momentânea. Oliveira e Silva (2019) e Silva e Pereira (2021) reforçam que a educação financeira aprimora a administração e promove equilíbrio emocional e segurança nas decisões, algo evidente nos empreendedores que se mostraram mais confiantes e organizados financeiramente.

Por fim, os resultados confirmam a visão de Lusardi e Mitchell (2014), segundo a qual o conhecimento financeiro é essencial para a autonomia e estabilidade das pequenas empresas. Os participantes mais capacitados demonstraram maior confiança e disposição para inovar, reconhecendo a importância de planejar o futuro do negócio. Assim, teoria e prática convergem ao mostrar que a educação financeira vai além da técnica: trata-se de um pilar estratégico que fortalece a gestão, reduz riscos e amplia as chances de crescimento sustentável.

4.6 Síntese dos resultados

Encerrando a análise, esta seção apresenta uma síntese das principais evidências da pesquisa, destacando a relação entre os aspectos teóricos e empíricos observados. Os dados dos empreendedores do Shopping da Cidade de Teresina confirmaram que a educação financeira é determinante para a qualidade das decisões administrativas, como afirmam Gitman e Zutter (2010), ao considerarem que o conhecimento financeiro orienta o uso racional dos recursos e assegura a estabilidade dos negócios. Gestores que dominam conceitos como fluxo de caixa e precificação demonstraram maior controle e adaptação em momentos de instabilidade, enquanto aqueles que administram de forma empírica apresentaram maior dificuldade de

organização financeira, reforçando o que Assaf Neto (2012) aponta sobre a fragilidade decorrente da falta de planejamento.

Os resultados também revelaram consciência crescente sobre o valor do planejamento financeiro. A maioria reconhece que a mistura entre finanças pessoais e empresariais compromete o desempenho, conforme alertam Oliveira e Silva (2019). Um dos entrevistados relatou: *“Depois que comecei a separar o dinheiro da empresa do de casa, consegui ver melhor o que realmente entra e sai.”* Essa mudança de percepção reflete o que Chiavenato (2014) define como comportamento de gestores abertos ao aprendizado e à adaptação, mostrando que a educação financeira atua como instrumento de transformação econômica e social.

Outro aspecto relevante é o contraste entre gerações e estilos de gestão. Os empreendedores mais jovens se mostraram mais abertos ao uso de tecnologias, enquanto os mais experientes mantêm métodos tradicionais, mas com ampla experiência prática. Essa diversidade, segundo Lusardi e Mitchell (2014), é positiva, pois permite integrar o saber empírico e o conhecimento técnico, criando ambientes de aprendizado colaborativo e inovação.

Em síntese, os resultados confirmam que a educação financeira fortalece as práticas administrativas, promovendo racionalidade nas decisões, estabilidade econômica e autonomia dos gestores. Esses achados convergem com Silva e Pereira (2021), ao mostrarem que o conhecimento financeiro amplia o desempenho e a confiança do empreendedor. Conclui-se que fomentar a educação financeira entre micro e pequenos empresários é essencial para o desenvolvimento sustentável e para uma gestão moderna e socialmente responsável no contexto de Teresina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou como a educação financeira influencia as decisões administrativas em pequenas e médias empresas do Shopping da Cidade de Teresina. Partindo da questão “como o conhecimento financeiro interfere na qualidade das decisões dos gestores?”, buscou-se compreender a relação entre a literacia financeira dos empreendedores e suas práticas de gestão. A pesquisa, de natureza aplicada e abordagem qualitativa, utilizou questionários e entrevistas, permitindo observar de perto a realidade dos comerciantes locais.

Os resultados confirmaram que a educação financeira exerce impacto direto sobre o desempenho e a sustentabilidade dos negócios. Gestores com algum tipo de capacitação apresentaram maior controle de caixa, planejamento de custos e postura estratégica nas

decisões. Já os empreendedores com menor escolaridade ou formação técnica revelaram dificuldade em precificar, separar finanças pessoais das empresariais e interpretar relatórios contábeis. Essa diferença confirma o que Assaf Neto (2012) descreve como uma das maiores fragilidades da gestão em pequenas empresas: a falta de planejamento financeiro estruturado.

O estudo também evidenciou diferenças geracionais. Gestores jovens demonstraram maior afinidade com tecnologias e ferramentas digitais, enquanto os mais experientes, embora possuam conhecimento prático consolidado, mostraram resistência à inovação. Essa distinção reforça a necessidade de programas de capacitação adaptados a diferentes perfis, que unam saber empírico e aprendizado técnico. Ainda assim, a maioria dos participantes expressou interesse em aprender, reconhecendo o domínio financeiro como essencial para o crescimento do negócio, um reflexo do potencial transformador da educação financeira no contexto socioeconômico local.

Os achados empíricos convergem com o referencial teórico, corroborando Gitman e Zutter (2010), Lusardi e Mitchell (2014) e Oliveira e Silva (2019), ao demonstrarem que o conhecimento financeiro amplia a capacidade de planejar, reduzir riscos e tomar decisões assertivas. No contexto de Teresina, observou-se que empreendedores financeiramente preparados se mostraram mais resilientes, organizados e inovadores, confirmando a educação financeira como pilar de sustentabilidade e competitividade para pequenos negócios.

Do ponto de vista prático, o estudo reforça a necessidade de ampliar o acesso à capacitação financeira voltada a micro e pequenos empreendedores. Iniciativas promovidas pelo Sebrae, universidades públicas e órgãos municipais podem contribuir para a profissionalização da gestão e o fortalecimento do comércio local. Nesse sentido, destaca-se o papel da UESPI na promoção de programas de extensão voltados à educação financeira, capazes de transformar a realidade de microempreendedores e fortalecer o desenvolvimento regional, aproximando o conhecimento acadêmico das demandas sociais.

No campo acadêmico, esta pesquisa contribui para o debate sobre educação financeira e gestão de pequenos negócios, especialmente em contextos regionais do Nordeste, oferecendo subsídios para novos estudos sobre empreendedorismo e políticas públicas voltadas ao microempresário. Reconhece-se, contudo, como limitação, o recorte amostral restrito ao Shopping da Cidade, o que limita a generalização dos resultados, ainda que estes representem um retrato fiel da realidade local.

Conclui-se que o domínio financeiro atua como base estratégica da gestão, promovendo autonomia, eficiência e equilíbrio emocional aos empreendedores. Investir em capacitação financeira é investir em desenvolvimento humano e inclusão social, consolidando a prosperidade econômica regional.

Sugere-se, para pesquisas futuras, a ampliação da amostra e a comparação entre empreendedores de diferentes regiões de Teresina, a fim de aprofundar a compreensão sobre os impactos da educação financeira em contextos econômicos diversos.

REFERÊNCIAS

- ASSAF NETO, Alexandre. *Finanças corporativas e valor*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BARBIERI, José Carlos; CAJAZEIRA, Jorge Emanuel Reis. *Responsabilidade social empresarial e empresa sustentável: da teoria à prática*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.
- CHIAVENATO, Idalberto. *Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações*. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.
- DORNELAS, José Carlos Assis. *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. 6. ed. Rio de Janeiro: Empreende, 2018.
- DRUCKER, Peter Ferdinand. *The essential Drucker: the best of sixty years of Peter Drucker's essential writings on management*. New York: HarperCollins, 2003.
- ELKINGTON, John. *Cannibals with forks: the triple bottom line of 21st century business*. Oxford: Capstone, 1998.
- ENEF – Estratégia Nacional de Educação Financeira. *Plano Diretor de Educação Financeira*. Brasília: Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF), 2010.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GITMAN, Lawrence J.; ZUTTER, Chad J. *Princípios de administração financeira*. 13. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.
- GONÇALVES, Mariana; LIMA, Roberto de Souza. Educação financeira e comportamento do consumidor: um estudo sobre racionalidade econômica e planejamento pessoal. *Revista Brasileira de Administração*, v. 9, n. 2, p. 45–58, 2020.
- KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. *Administração de marketing*. 15. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2016.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S. The economic importance of financial literacy: theory and evidence. *Journal of Economic Literature*, v. 52, n. 1, p. 5–44, 2014.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. *Teoria geral da administração: da revolução urbana à revolução digital*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

OLIVEIRA, Maria de Fátima; SILVA, João Marcos. Gestão financeira e comportamento organizacional: a influência da educação financeira nas empresas brasileiras. *Revista de Gestão e Negócios*, v. 21, n. 3, p. 89–104, 2019.

ROBBINS, Stephen P.; COULTER, Mary. *Administração*. 12. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

ROBBINS, Stephen P.; JUDGE, Timothy A. *Comportamento organizacional*. 16. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2017.

SEBRAE. *Boletim de Educação Empreendedora e Financeira para Pequenos Negócios*. Brasília: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, 2022.

SILVA, Bruna Cristina; PEREIRA, Carla Rodrigues. A educação financeira e o desempenho das organizações: uma análise sobre sustentabilidade e gestão estratégica. *Revista Científica de Administração*, v. 13, n. 1, p. 77–92, 2021.

SIMON, Herbert A. *Administrative behavior: a study of decision-making processes in administrative organizations*. 4. ed. New York: Free Press, 1997.

VAN HORNE, James C.; WACHOWICZ, John M. *Fundamentos de administração financeira*. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 17. ed. São Paulo: Atlas, 2009.